



# A Escola Pública na Periferia das Cidades<sup>1</sup>

Geraldo Perez<sup>2</sup>

## Resumo

Este texto procura mostrar a atual escola pública situada na periferia das cidades, onde estudam, na sua maioria, os filhos de operários, que nessa região residem.

Se, de um lado, é uma escola que não se mostra "democrática", no sentido de oferecer as mesmas oportunidades que são oferecidas aos estudantes que residem no centro das cidades, por outro lado, essa escola é procurada pelos indivíduos das camadas populares que visam um "subir na vida", uma ascensão social e econômica, uma transformação de si próprios, que permita, no futuro, uma transformação da sociedade em que vivem.

## Abstract

This paper attempts to show the reality of schools, which are part of the public school system, located in the poor outskirts of the big cities in Brazil. Sons and daughters of workers are the ones who study in these schools,

These schools are not "democratic", since they do not offer the same opportunities to their students as the ones offered by the schools located in the rich neighborhoods of the cities. Students from the popular classes look for these schools aiming social mobility and looking for a social and economic improvement. They also look for a self-transformation, which may allow them a transformation of society in the future.

Todos se queixam da escola pública: pais, professores, alunos e seu corpo administrativo, com uns colocando a culpa nos outros por esse mau funcionamento.

Falta vaga nas escolas, e muitos alunos não concluem o ano letivo, o que implica dificuldades no futuro, pela falta de diploma e qualificação específica.

Para algumas pessoas, a culpa é dos alunos, que são preguiçosos, distraídos e pouco estudiosos. Para outros, "a culpa é dos professores que não obrigam a criança a estudar, faltam muito, não ajudam e não se interessam pelas crianças como realmente deveriam" ([2], pp. 12-13). Os pais, sempre exaustos do trabalho, não têm tempo para ajudar os filhos nos deveres de casa ou não têm conhecimento para isso.

Por outro lado, os professores, que muitas vezes trabalham em mais de uma escola, se sentem sobrecarregados, desvalorizados em sua profissão e dizem que trabalham com classes superlotadas, com falta de material didático e programas muito extensos.

---

<sup>1</sup> Digitalizado por Luzia Aparecida de Souza e João Ricardo Viola dos Santos, alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Depto. de Matemática Área de Educação Matemática, e Professor da Pós-Graduação em Educação Matemática, IGCE, UNESP-Câmpus de Rio Claro.

Em algumas oportunidades, alguns professores chegam a afirmar que foram mal preparados no seu curso de formação ([8], Cap. III). Com todas essas dificuldades, o professor se vê sozinho para resolver os problemas e, em muitas ocasiões, acaba por se tornar desanimado e autoritário em seu relacionamento com os alunos ([8], Cap. III). Este fato pode transformar um aluno falador, esperto e curioso, fora da escola, em passivo, triste e calado, chegando a pensar que a escola não tem qualquer ligação com a realidade de seu dia-a-dia. Esse aluno acaba modificando a sua forma de pensar e agir, identificando no modelo do professor os procedimentos a serem seguidos. Uma pesquisa feita com futuros professores sobre as qualidades que consideravam primordiais para o bom desempenho escolar mostrou que "as características atento, disciplinado e dócil, obtiveram 41% dos primeiros lugares, enquanto as qualidades espírito crítico e reflexão obtiveram apenas 2% ([6], p. 48). Esse aluno, no extremo, passa a "ter medo" do professor, que não quer levar em conta a sua experiência de vida e, pouco a pouco, vai perdendo a motivação para continuar esforçando-se. O professor "tenta corrigir a maneira dos alunos de falar, diz abertamente que eles são incapazes de aprender, ([8], Cap. III), e que não adianta perder tempo porque, de qualquer jeito, eles vão ser reprovados" ([6], p. 17). Isto mostra que o professor tende a desprezar toda a cultura acumulada pelo aluno em sua vida e se esforça por modificá-lo. E o aluno, resignado, fracassa e fica marcado por toda a sua vida.

Por outro lado, a escola é vista por todos como uma escada que permite um subir na vida. Seu papel é o de dar instrução a todos, proporcionando uma melhoria de vida, uma ascensão social, permitindo um melhor emprego e um melhor salário, que compensem as desigualdades de posição social. E isto é garantido por lei que assegura uma escola democrática e aberta a todos, sendo obrigatória dos 7 aos 14 anos, totalizando as 8 (oito) séries do 1º grau, aos ricos e aos pobres, às crianças da cidade ou do campo, às meninas e aos meninos.

Teoricamente temos um grande avanço em relação ao passado quando a escola era reservada somente aos filhos dos ricos, que estudavam para continuar a fazer parte da elite dominante, enquanto aos filhos de operários ficava reservado o analfabetismo ou pouquíssimo estudo, fazendo com que continuassem submissos àquela classe.

Com um ensino obrigatório dos 7 aos 14 anos, a lei procura garantir que as crianças

das classes populares, ou seja, de menor poder econômico, tenham a mesma instrução que as crianças pertencentes às classes mais favorecidas, ou ainda que seu sucesso, no futuro, não dependa de privilégios ou de dinheiro, mas, sim, de seus próprios talentos e méritos.

Parecia a democratização da escola, do ensino. Isto se entendêssemos por democratização uma maior permanência na escola ou mais pessoas com diplomas na mão. Por outro lado, se, para nós, democratização no ensino for entendida como a obtenção das mesmas chances de êxito por parte dos alunos, oriundos de meios sociais e culturais diferentes, então acreditamos estar longe de atingir os objetivos.

Isto porque, com o passar do tempo, se começou a perceber que a instrução oferecida às escolas onde estudam as crianças vindas das classes dominantes é diferenciada - e superior - daquela oferecida às escolas onde estudam as crianças que pertencem às camadas populares da população. Nestas últimas, as escolas começam a produzir mais fracassos do que sucessos, tentando convencer, como já foi dito anteriormente, os que fracassam de que eles são "inferiores" aos outros.

E a escola pública atual passa a educar e instruir uma pequena minoria de estudantes. Os outros são marginalizados e excluídos da escola ([8], pp. 63-71). São melhor atendidos os alunos dos grandes centros urbanos, se comparados à zona rural, e também às regiões mais desenvolvidas do país passam a receber melhor instrução que as menos desenvolvidas.

Apesar do que é garantido, no papel, pela lei, percebe-se que a prática é outra, que a "boa" escola não existe para todos e que são crianças "pobres", pertencentes ao que nos denominamos de camadas populares, que mais fracassam e/ou que não conseguem terminar a escola obrigatória.

Dentre as que não terminam, estão as crianças que, indo mal nos estudos, ou sentindo que a escola não preparou ensino adequado aos alunos que trabalham, acabam abandonando os estudos a fim de trabalhar o máximo possível, para colaborar no sustento da família.

Porém, que tipo de aluno abandona a escola antes do término do 1º grau? As estatísticas mostram que as reprovações e abandonos atingem preferencialmente as crianças pertencentes as camadas populares, e as do meio rural da população. Mas são as que mais

precisam da escola para melhorar de vida. Quantos pais fizeram, durante a sua vida, inúmeros sacrifícios para que seus filhos pudessem estudar?

As crianças pobres são, em sua maioria, excluídas da escola, sem qualquer qualificação ou diploma, sem ter aprendido nada de útil para sua vida e seu trabalho. Praticamente a única lição que os anos de escola ensinam é a de considerarem a si mesmos como inferiores aos outros, aos que tiveram sucesso. As crianças saem da escola, mas levam consigo a marca e a humilhação do fracasso: saem convencidas de que fracassaram porque são menos dotadas, menos inteligentes e capazes do que os outros. Há poucas alternativas para os atingidos pela exclusão da escola. O destino da grande maioria é aceitar os trabalhos mais duros, de remuneração mais baixa e com maior risco de desemprego na hora da crise" ([2], p. 31).

Com isso, alguns pesquisadores chegam a questionar, inclusive, se essas crianças têm problemas afetivos e emocionais, os quais podem colaborar com o seu baixo rendimento nas escolas. Ou, então, se a situação de pobreza em que vivem as famílias dessas crianças pode influir no seu rendimento. Todavia, apesar de a pobreza ser, bastante grande, dificultando inclusive o estudo da criança das camadas populares em sua casa, não podemos classificar como sendo da família a culpa maior pela pouca aprendizagem do aluno. Se a culpa principal fosse da família pobre, estaríamos excluindo de maiores responsabilidades dois grupos que julgamos entre os principais pelo baixo nível de ensino-aprendizagem, oferecido às camadas populares: os professores e a escola.

Para alguns pais, o problema é do professor, "que falta muito, chega atrasado, não tem competência" ([2], pp. 40-41), ou seja, teve um mau preparo no seu Curso de Licenciatura. Professores altamente dedicados e interessados poderiam refletir constantemente sobre o seu desempenho na sala de aula, passando inclusive a questionar os entraves burocráticos, existentes na escola, que muitas vezes dificultam possíveis inovações que esses professores desejam adotar com os seus alunos.

É verdade que os alunos pertencentes às camadas populares e que trabalham durante o dia, indo para a escola à noite, cansados, são candidatos a aproveitar menos o ensino oferecido pelos professores. Todavia, esses professores na maior parte das vezes não estão preparados para ajudar os alunos pobres a superar suas dificuldades na escola. E, quase

sempre, oferecem a essa clientela o mesmo tipo de ensino oferecido às crianças que freqüentam, durante o dia, as escolas localizadas em áreas mais centrais das cidades.

Quanto à escola, mesmo estando localizada na periferia, quase nunca ela se prepara para trabalhar com as crianças pobres. A escola age como se o aluno não trabalhasse, falasse corretamente, tivesse bastante tempo para estudar em casa. Com isso, o aluno pobre fica deslocado, não consegue aprender, não tem coragem para questionar seguidamente o professor, tem vergonha de dizer que não entende, fica com medo de falar, de se comunicar, recebendo da "escola" as insinuações do tipo: não aprende porque está cansado e com sono, porque está com fome, porque se alimentou mal - ou não se alimentou - antes de vir para a escola, porque tem muitos problemas em casa, porque não sabe ler e falar corretamente, assim com erra muito nas 4 operações e na tabuada, em Matemática.

Será que professores e autoridades de ensino, representando a escola, não poderiam se reunir com os pais de alunos algumas vezes no ano, procurando conhecer e identificar os problemas que assolam a comunidade ao redor da escola?; conhecer as profissões desses pais?; através destas, procurar identificar o saber extra-escolar que o aluno possui, adquirido no seu dia-a-dia, de pai para filho, na profissão do pai ou da mãe, no próprio emprego desse aluno?. Preparar um curso, por exemplo, de Geometria, baseado nesse saber extra-escolar, utilizando todas as formas geométricas presentes nas construções e na beleza que a própria natureza nos oferece?

Estas reflexões levam em conta toda a riqueza de conhecimentos que o povo possui. Antigamente, aprendia-se com a experiência dos outros, aprendia-se fazendo, o que mostrava ser impossível separar o saber, a vida e o trabalho.

Deixamos claro, entretanto, que não estamos propondo uma "educação fundamental para o povo, mas, sim, uma educação do povo (que leve em conta o seu conhecimento e seus valores culturais)" ([5], IN: BRANDÃO, p. 43). Seria possível preparar cursos para todas as disciplinas.

Conhecendo a escola por dentro, a sua forma - e dos professores - de trabalhar e levando em conta o conhecimento prévio da comunidade, acreditamos ser possível preparar os mesmos "conteúdos" apresentados nas escolas centrais e que funcionam durante o dia, para os alunos das camadas populares, das escolas da periferia, utilizando metodologia

diferente da utilizada nas escolas centrais. Estaríamos mudando a escola para melhor, uma escola que atendesse aos principais anseios da comunidade de "crescer" e de "ser alguém", uma escola que tivesse professores interessados, experientes e identificados com essa busca de "crescer" das camadas populares, uma escola onde se poderiam produzir materiais didáticos simples, baratos, mas abundantes e de boa qualidade. Enfim, uma escola que valorizasse o aluno das camadas populares e não apenas desse valor ao saber transmitido pelo professor ou o contido nos livros didáticos.

Estaríamos preparando melhor o aluno para ser um cidadão consciente e apercebido para o dia-a-dia; enfim, para diminuir, gradativamente, a miséria existente nas camadas populares.

E preparar um melhor ensino, que vise a uma melhor aprendizagem, ou seja, a uma melhor educação, para os indivíduos dessa camada da população, deve ser um dos objetivos primordiais dos órgãos governamentais, visto que, atualmente, a miséria assola grande parte da população brasileira, segundo a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe/Cepal, da ONU ([4], p. 5):

"O número de pobres e indigentes no Brasil, em termos relativos e absolutos, é maior do que a média dos 19 países latino-americanos. Em 1986, em média, 37% da população da América Latina eram pobres e 17%, indigentes. Já o Brasil tinha 40% de pobres e 18% de indigentes. Para a Cepal, pobres são os membros de um lar com renda inferior ao dobro do custo da cesta básica de produtos alimentícios, e indigentes são os membros de um lar com renda inferior ao custo da cesta. No Brasil, em 1988, pobres eram os que habitavam lares com renda inferior a US \$56,96 e indigentes, US \$28,48, em área urbana".

Ao trabalhar com esses indivíduos, a escola não procura identificar o conhecimento adquirido na sua vida, mas trabalha quase sempre em torno de problemas que não existem na sua vida real, e que não provocam interesse maior do aluno, ou seja, são problemas pelos quais os alunos não se interessam, ou não se motivam para encontrar a solução. Se essa escola não atende eficientemente a maioria da população, ela não está cumprindo os seus objetivos, precisando então "sofrer mudança".

Mudança esta no sentido de garantir vaga a todos os interessados, garantir a permanência dos alunos na escola, diminuindo a evasão escolar, garantir um bom ensino-

aprendizagem por parte dos professores e alunos, com a permanência destes na escola pelo maior tempo possível. Também seria necessário encontrar meios a fim de auxiliar as crianças que trabalham a freqüentar as aulas e a ter sucesso na aprendizagem. A escola e os professores precisam estar conscientes de que há diferenças culturais entre as crianças que freqüentam as escolas de 1º e 2 graus. Quando a criança chega à escola, ela traz consigo experiências, atitudes, valores e hábitos que refletem a cultura de sua família e de seu meio social. Ora, "a cultura da escola e a cultura do meio ambiente onde vivem as classes privilegiadas" ([1], p. 75). As crianças que pertencem a essas classes mais favorecidas estão habituadas a essa linguagem que a escola exige, conhecendo e utilizando, desde a infância, livros, textos escritos, jornais, etc., que fazem parte do seu universo familiar, sentindo-se assim familiarizadas com a linguagem utilizada na escola.

Contrariamente, as crianças dos meios populares encontram na escola normas, valores e linguagem diferentes daqueles a que estão habituadas no seu meio social. E elas não conseguem trazer para a escola as maneiras a que estão habituadas, "sentindo-se inferiorizadas (...) e perdidas diante da falta de sentido e utilidade imediata dos exercícios escolares (...), candidatando-se a uma situação de fracasso" ([1], p. 75).

Na maioria das vezes, apenas as experiências vividas nos meios mais favorecidos, economicamente, são valorizadas e utilizadas na escola, influenciando nas avaliações feitas por ela e favorecendo as crianças que pertencem a esse meio.

Além destas mudanças, seriam necessárias outras igualmente grandes, nos métodos de ensino, bem como na seleção de quais conteúdos são mais importantes em cada momento.

Contudo, como já afirmado anteriormente, é necessário um grande esforço no sentido de não "baratear" o ensino oferecido às camadas populares, ou seja, "evitando de se exigir menos dos pobres porque, de qualquer jeito, eles são menos capazes e não conseguem aprender como as crianças de classe média (...). É preciso evitar uma escola de segunda mão, mais fácil, para os pobres" ([2], pp. 88-89).

Neste sentido, torna-se urgente auxiliar o professor assim como o futuro professor - alunos dos cursos de Licenciatura - oferecendo-lhes conteúdos e metodologias apropriadas para o bom desempenho da sua função. Muitas vezes, por falta de preparo e de reflexões

constantes com relação ao seu desempenho na sala de aula, bem como por não procurar conhecer "detalhes" acerca dos seus alunos, o professor acaba por não saber como lidar com as dificuldades apresentadas pelas crianças, preferindo pôr a culpa nesses alunos.

Nesse sentido, uma questão provocadora poderia ser feita pelo próprio professor:

**- Qual a minha missão junto ao ser humano que cresce e que permanece várias horas da semana sob minha orientação?**

Parece claro que nós, docentes, nos preocupamos demais com as exigências externas ao nosso trabalho, esquecendo nosso papel de educadores das crianças que freqüentam a escola, sob nossa responsabilidade, a fim de ajudá-las a "crescer" e "progredir" como seres humanos aptos a enfrentar os problemas que a sociedade impõe. Esta deveria ser a nossa maior responsabilidade e não apenas procurar transmitir conteúdos - e depois cobrá-los - aos alunos.

Levando em conta todos os problemas até agora levantados, com relação à escola, ao professor e às condições dos alunos, verificamos que a resposta do professor a questão anterior depende, segundo Nidelcoff ([7], pp. 5-7), de sua atitude diante da vida. Daí a importância, para cada professor, da reflexão e do diálogo com outros professores, com outras pessoas, sobre esse ponto.

Ainda segundo Nidelcoff ([7], pp. 5-7), o papel do professor é o de ajudar as crianças:

- a ver e compreender a realidade;
- a expressar a realidade, a expressar-se;
- a descobrir e assumir a responsabilidade de ser elemento de mudança na realidade.

Para a pesquisadora, entende-se o homem como um ser histórico que se realiza no tempo. Assim, o homem "crescer" e "progredir" como ser humano significa localizar-se, com lucidez, no tempo e nas circunstâncias em que vive, para conseguir chegar a ser "um indivíduo capaz de criar e transformar a realidade, em comunhão com seus semelhantes" ([7], p. 7).

Olhando desta forma, a escola deveria prestar-se a ajudar os alunos a se conhecerem, "através do conhecimento vindo das outras pessoas de sua comunidade, de seu



tempo, de outras localidades, de outros tempos" ([7], p. 7).

É preciso iniciar discussões em pequenos grupos para que, partindo "de baixo", encontremos soluções para esses problemas, ao invés de o professor e a escola somente lamentarem com relação à falta de materiais, condições de trabalho, salário digno e alunos pouco interessados. Ajudando-se mutuamente, os professores e a escola poderão organizar-se para defender seus interesses, descobrindo juntos soluções que implicarão melhor aproveitamento do aluno pertencente às camadas populares, percebendo que mudanças só ocorrem com união e participação de todos. Assim, será possível evidenciar a toda a comunidade que o povo se educa, mostrando que a educação não ocorre somente na escola, mas também durante toda a vida, a partir das experiências vividas no dia-a-dia.

Este desafio mostra que é possível enfrentar problemas da escola, da mesma forma que a população muitas vezes se organiza para enfrentar problemas do seu dia-a-dia, que, em muitas oportunidades, são complicados. É preciso confiar nas próprias forças a fim de buscar soluções. "É preciso levar para dentro da escola as lições que o povo tem aprendido e ensinado, na escola da vida" ([2], p. 93).

## Referências

- [1] CECCON, C. *et alii*, **Cuidado, Escola! Desigualdades, Domesticação e Algumas Saídas**, 24<sup>a</sup> ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.
- [2] CECCON, C. *et alii* **A Vida na Escola e a Escola da Vida**, 16<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Vozes/Idac, 1987.
- [3] BRANDÃO, C. R. (org.). **A Questão Política da Educação Popular**, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- [4] **Jornal da Ciência Hoje**. - S. B. P. C, Rio de Janeiro, Ano VI, n<sup>o</sup> 219, em 16/11/90.
- [5] MANFREDI, S. M. A Educação Popular no Brasil: Uma Releitura a Partir de Antonio Gramsci, IN: C. R. BRANDÃO (org.). **A Questão Política da Educação Popular**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- [6] MOLLO, S. L'école dans la société, IN: CECCON, C. *et alii*. **Cuidado Escola! Desigualdades, Domesticação e Algumas Saídas**, 24<sup>a</sup> ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.
- [7] NILDECOFF, M. T. **A Escola e a Compreensão da Realidade**, 15<sup>a</sup> ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.

[8] PEREZ, G. **Pressupostos e Reflexões Teóricas e Metodológicas da Pesquisa Participante no Ensino de Geometria, para as Camadas Populares**, Tese de Doutorado, FE/UNICAMP, 1991.